

ARTIGO DE OPINIÃO

Por que o Brasil precisa do Instituto Nacional da Mata Atlântica?

Fabio Rubio Scarano^{*,1,2}

Ao se falar em Mata Atlântica, talvez duas das imagens mais imediatas que venham à mente da maioria das pessoas são ou a de uma vegetação luxuriante, um pouco nublada, com ar de mistério, ou a que a caracterizou como um *hotspot* de biodiversidade: degradada e fragmentada, se assemelhando a um queijo suíço. Creio que deva ser menos frequente a imagem de 100 milhões de brasileiros de diferentes etnias vivendo sobre essas terras, ou da sua ocupação pelas maiores metrópoles nacionais, ou de exploração minerária, ou mesmo deste bioma como sendo a sede de um grande polo produtor de alimentos. Pois a Mata Atlântica hoje é o pano de fundo, a soma, a sobreposição e as propriedades emergentes que resultam da interação e entrelaçamento de todas essas imagens e fatos. Parece incrível que um bioma que ficou reduzido a meros 12% da sua cobertura original ainda possa abrigar tanta biodiversidade; ao mesmo tempo em que soa igualmente paradoxal que o país mais rico em água do planeta hoje sofra com crise hídrica em suas maiores metrópoles, que se encontram justamente na Mata Atlântica.

Esse conjunto de imagens, fatos e contradições habitualmente recebe tratamento setorial pela sociedade e pela ciência. Aos agricultores, a agricultura. Aos políticos, a política. Aos ambientalistas, o ambiente. Aos biólogos, a biodiversidade. Entretanto, no momento em que a ciência constata que nossa sociedade já ultrapassou os limites planetários do clima e da biodiversidade (IPCC 2014; Rockstrom et al. 2015), fica claro que esses problemas demandam tratamento

¹ Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, Rua Engenheiro Álvaro Niemeyer 76, São Conrado, CEP 20070-022, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, email: fscarano@fbds.org.br, fone/fax: +55 21 33224520

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, CCS, IB, Departamento de Ecologia, 21941-590, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

transdisciplinar pela ciência e tratamento integrado pela política. Além disso, essa ciência transdisciplinar precisa informar a política para que melhores decisões sejam tomadas, tanto no setor público como no privado. No caso da Mata Atlântica, o desafio é o de reverter o cenário de degradação ambiental de forma a assegurar a sustentabilidade da produção econômica e o bem-estar social. Não basta restaurar a diversidade perdida: isso precisa ser feito de forma a assegurar também bom fluxo de água, de polinizadores. Não basta criar novas áreas protegidas: isso precisa ser feito de forma a gerar renda, reduzir pobreza. Não basta criar novos mecanismos de pagamento por serviço ambiental: isso precisa ser feito de forma a assegurar melhor acesso à educação e saúde para aqueles que habitualmente não o têm (Scarano 2014).

O exercício da transdisciplinaridade científica - indispensável hoje para lidar com os grandes desafios que são impostos à sociedade sempre que se tenta harmonizar os componentes social, econômico e ambiental do desenvolvimento - precisa de facilitação. A base desse exercício é o diálogo, tanto entre cientistas de diferentes disciplinas especializadas, como da academia com os setores público, privado, terceiro setor e sociedade em geral, incluindo os atores que detêm conhecimento tradicional, não científico (ver Díaz et al. 2015). O Brasil hoje dispõe de grande massa científica no território ocupado pela Mata Atlântica, mas não dispõe de um agente que sistematicamente integre, sintetize a informação e promova o diálogo entre diferentes atores de forma a tornar todo esse grande volume de ciência produzido prontamente disponível para subsidiar uma tomada de decisão mais qualificada. O Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA) nasce com a vocação para ocupar esse nicho vago e ser esse facilitador.

Note, portanto, que a visão que aqui compartilho, não é a de um Instituto com um grande número de pesquisadores próprios e concursados, realizando suas pesquisas individuais com a espécie a, b ou c, ou o ecossistema x, y ou z. Já temos muitos departamentos universitários e institutos de pesquisa na Mata Atlântica e no Brasil que prestam com excelência esse tipo de serviço. O nicho a ser ocupado pelo INMA é mais abrangente do que o de um centro de pesquisa biológica. Ele tem o potencial de se transformar em um núcleo enxuto, com uma equipe interdisciplinar, que promova uma abordagem científica integradora, ao facilitar o encontro e o debate entre cientistas de diferentes disciplinas e atores relevantes dos distintos setores não acadêmicos.

O acervo fundado por Augusto Ruschi, e historicamente muito bem gerido pelo Museu de Biologia Mello Leitão, é um excelente ponto de partida, por

ser utilizado com grande frequência por pesquisadores do mundo inteiro. Essa tradição de acervo na forma de coleção biológica, pode se expandir também para o campo dos dados e da informação: um centro que agregue e permita o acesso público a informações sociais, econômicas e ambientais sobre tudo que se passa na Mata Atlântica - de imagens e mapas a literatura e números - evitando redundância com outras iniciativas já existentes.

Em um dia típico hipotético desse novo INMA, eu imagino a) biólogos do mundo todo transitando pelas instalações do Museu, examinando suas coleções, b) um pequeno grupo de pesquisadores convidados de diferentes partes do Brasil e de diferentes disciplinas imersos em um retiro para gerar um artigo sobre como restaurar o bioma reduzindo pobreza e recuperando água, c) o auditório lotado com jovens do ensino médio para discutir com pesquisadores e bolsistas do INMA como que a Mata Atlântica pode vir a ser um bom exemplo para o mundo na luta contra as mudanças climáticas, d) quadros técnicos do INMA, sentados nos seus computadores, organizando a integração de dados e informações para subsidiar novos estudos e ideias sobre como promover o desenvolvimento sustentável no seio desse bioma.

Em artigo recente (Scarano & Ceotto 2015) expressamos a opinião que a Mata Atlântica pode deixar de ser um “hotspot” de biodiversidade para se tornar um “hopespot” do clima. As metas anunciadas pelo governo brasileiro em dezembro de 2015 na convenção do clima em Paris dão um forte e positivo sinal nessa direção: restauração de 12,5 milhões de hectares, desmatamento ilegal zero, mais energia limpa, tornar produtivas terras hoje improdutivas. Para que tudo isso se cumpra, a ciência deve se aproximar da tomada de decisão. É necessário um nó para atar as ciências econômicas, sociais e ambientais. É preciso um nó para atar ciência e política. Nessa hora, impossível não se lembrar de Saint-Exupéry que dizia *“a essência da vida não está nas coisas, mas no nó invisível que ata as coisas”*. Associadas à Mata Atlântica existem hoje muitas “coisas”: biodiversidade, agricultura, mineração, fragmentação, gente, metrópoles, água, pobreza, riqueza, etc. Na ciência, tanto quanto na política, habitualmente tratamos setorialmente dessas “coisas”. O INMA nasce com a vocação de ser *“o nó invisível que ata as coisas”* referentes à Mata Atlântica. Um importante nó de uma grande rede. Um nó necessariamente invisível, porque para ser um real facilitador se requer a discrição e a humildade da boa e humilde diplomacia, que não se preocupa com os louros, mas sim com os resultados e as conquistas.

Longa vida ao INMA!

Literatura Citada

- Díaz SM et al. (2015) The IPBES Conceptual Framework — connecting nature and people. *Current Opinion in Environmental Sustainability* 14: 1-16
- IPCC. 2014. *Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Part A: Global and Sectoral Aspects. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* (Field, C.B.; V.R. Barros; D.J. Dokken; K.J. Mach; M.D. Mastrandrea; T.E. Bilir; M. Chatterjee; K.L. Ebi; Y.O. Estrada; R.C. Genova; B. Girma; E.S. Kissel; A.N. Levy; S. MacCracken; P.R. Mastrandrea & L.L.White; Eds.). Cambridge University Press, Cambridge.
- Scarano, F. R. 2014. *Mata Atlântica: uma História do Futuro*. Edições de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Scarano, F. R. & Ceotto, P. 2015. Brazilian Atlantic forest: impact, vulnerability and adaptation to climate change. *Biodiversity and Conservation* 24: 2319-2331.
- Steffen, W.; Richardson, K.; Rockström, J.; Cornell, S. E.; Fetzer, I.; Bennett, E. M.; Biggs, R.; Carpenter, S. R.; de Vries, W., de Wit, C. A.; Folke, C.; Gerten, D.; Heinke, J.; Mace, G. M.; Persson, L. M.; Ramanathan, V.; Reyers, B.; Sörlin, S. 2015. Planetary boundaries: guiding human development on a changing planet. *Science* 347: 736.

*Fabio Rubio Scarano é Diretor Executivo da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável desde maio de 2015. Coordena os componentes técnicos e científicos de projetos desenvolvidos pela fundação, especialmente no que diz respeito aos temas ligados à biodiversidade e serviços ambientais, adaptação às mudanças climáticas e agricultura sustentável. Graduou-se em Engenharia Florestal pela Universidade de Brasília, Brasil, e obteve seu Ph.D. em Ecologia na Universidade de St. Andrews, Escócia. Ele é Professor Associado de Ecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, desde 1993. É também membro da Sociedade Linneana de Londres (desde 1995) e foi Professor Visitante das Universidades de Darmstadt, Alemanha (2002) e de Minnesota, EUA (2003).